

Rio



PARCERIA

PM tem acesso a 21 câmeras na Lapa

Uso de sistema da prefeitura amplia o alcance do programa de reconhecimento facial



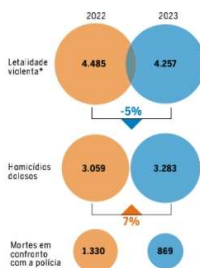
POLÍCIA MENOS LETAL

Mortes em confronto caíram 35% em 2023, enquanto homicídios subiram 7,3%

BRUNA MARTINS, GIANPAOLO BRAGA E LUIZ BENEDITO MAGALHÃES
@brunamartins, @gianpaolo, @luizbenedito

OS ÍNDICES DE VIOLÊNCIA

Foram registradas menos 461 mortes em confronto com a polícia no ano passado. Porém, houve mais 224 vítimas de homicídio.



*Índice de letalidade violenta engloba homicídios dolosos, mortes em confronto com a polícia, latrocínios e lesões corporais seguidas de morte.

Fonte: Instituto de Segurança Pública (ISP)

AS ÁREAS ONDE AS MORTES PELA POLÍCIA MAIS CAÍRAM (2022 x 2023)

(em números absolutos)



OUTROS ÍNDICES (2022 x 2023)



MENOS 461 VÍTIMAS

Em 2022, oito dos 12 meses do ano tiveram mais de cem mortes em confronto com a polícia. No ano passado, foram apenas dois meses (janeiro e março) com o índice acima das cem mortes. Os 461 casos a menos no ano passado, na comparação com 2022, alteraram de maneira significativa a proporção das mortes em ações da polícia no total da letalidade violenta em 2022, três em cada dez mortes violentas eram causadas por policiais; no ano passado, a relação caiu para duas em cada dez.

Não há consenso entre os especialistas ouvidos pelo GLOBO sobre as causas da queda do número de mortes provocadas por agentes do Estado. Alguns atribuem a queda à crescente instalação de câmeras nos uniformes dos policiais, iniciada em janeiro de 2022. É o caso do jurista Walter Maierovitch:

— As câmeras têm dado certo e reduzido a violência em todo mundo. A cultura enraizada nas polícias é que, como são agentes públicos, em princípio, o que declaram é verdadeiro. É muito difícil encontrar testemunhas consistentes que provem o contrário. Mas quando o que fazem está sendo monitorado e produzindo provas, a situação muda.

Ex-secretário Nacional de Segurança Pública e coronel reformado da PM, José Vicente da Silva Filho lembra que esse efeito ocorreu em São Paulo em 2022, quando o número de mortes em intervenções policiais foi de 260 — uma queda de 62% em relação a 2019:

— Estudos também comprovam que os batalhões que instalaram câmeras nas fardas tiveram melhor produtividade.

Mas a análise não é unânime. Joana Monteiro, coordenadora do Centro de



Ciência Aplicada à Segurança Pública na Fundação Getúlio Vargas, atribui a queda a uma decisão institucional:

— As câmeras começaram a ser usadas em 2022. Se a diminuição fosse por causa delas, a redução deveria ter sido observada já naquele ano, e não agora. Quando

analisamos os dados, vemos que o mês de destaque é agosto de 2023. Foi a partir dele que as coisas mudaram. Para mim, isso é consequência de uma escolha da própria polícia. Houve, provavelmente, uma mudança de posicionamento. Mas isso, só a polícia pode responder.

O secretário da PM, coronel Luiz Henrique Pires, também não vê influência das câmeras:

— Os policiais receberam mais treinamento, novas vitórias e armas foram adquiridas, houve mais investimento em tecnologia e melhoria nas condições de tra-

Tecnologia.

Policiais militares com a microcâmera na farda: alguns analistas atribuem queda do número de mortes em confronto ao uso do equipamento.

balho dos agentes. Foi um conjunto de medidas.

A Área Integrada de Segurança Pública (Aisp) — que equivale ao setor de atuação de um batalhão da PM — onde a polícia mais matou em 2023 foi a de Duque de Caxias, com 104 casos. Em seguida, vem a área do 18º BPM (Jacarepaguá): o número passou de 27 em 2022 para 83 no ano passado, um aumento de 207%. Essa região enfrenta há meses uma guerra entre traficantes e milicianos pelo controle de território, com a polícia atuando para conter os confrontos.

MAIS GUERRAS, MAIS MORTES

Disputas como essa em toda a Região Metropolitana teriam influenciado no aumento de homicídios dolosos, na visão de alguns especialistas. Depois de registrar quedas sucessivas desde 2018, o número de casos voltou a subir em 2023. Ao todo, foram 3.283 registros contra 3.059 do ano anterior.

Suspeito de assassinato prestou serviços para a vítima em Cuba

Amiga da mãe do acusado, dona do carro usado no dia do crime está perplexa

GIULIA VENTURA
@giuliaventura

O suspeito de assassinar o gaúcho americano Brent Silke, de 75 anos, prestou serviços de segurança para a vítima e seu marido, Daniel García Carrera, no período em que o casal morou em Cuba. Segundo a Delegacia de Homicídios da Capital (DHC), o contato profissional acen-

teu durante a pandemia. Pre-so na quinta-feira em um posto de gasolina entre as cidades mineiras de Uberlândia e Uberaba, Alejandro Triana Prevez, de 30 anos, chegou ontem à DHC, no Rio, às 20h15.

A placa do Fiat Palio usado pelo suspeito no dia do crime levou a polícia à sua prisão. Localizada por agentes da Delegacia de Homicídios da Capital, a dona do automóvel re-

giou com perplexidade à notícia do envolvimento de Alejandro na morte de Silke.

Segundo a polícia, nem ela, nem seu filho — ambos são de São Paulo — sabiam que ele viria dirigindo até o Rio. Ao GLOBO, ela contou que “acolheu” Prevez quan-

do ele chegou ao Brasil, vindo de Cuba, por ser filho de uma falecida amiga sua. O veículo foi emprestado no



Preso. O cubano Alejandro Triana Prevez chega à DHC, trazido de Uberaba

último sábado, quando o suspeito disse que faria uma entrega na capital paulista.

— Ele era filho de uma amiga minha, ela morreu de cân-

cer. Fiquei com dó, pois gostava muito dela. Ele chegou e eu o acolhi, o ajudava. Fiquei muito magoada, chateada com isso tudo. Não esperava

que ele fosse capaz desse tipo de coisa. Não achei que ele tinha esse tipo de personalidade, porque a mãe dele era uma doutora, alguém de ótima índole — disse ela, que pediu para não ser identificada.

A mulher e a mãe de Prevez, Leticia, se conheceram fazendo doutorado na Universidade Paulista (Unip).

Leticia morreu em 2021. Segundo a polícia, Alejandro está no Brasil desde 2022.

No curso das investigações, a polícia encontrou roupas com manchas que podem ser de sangue e a farda usada no crime — sem digitais. O laudo de necropsia indica que a vítima estava deitada e pode ter sido assassinada enquanto dormia.